

Histórico do riso: da Grécia Antiga ao humor midiático do século XXI¹

Arthur de Oliveira ROCHA²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Como fenômeno natural humano, o riso parece ter mudado pouco ao longo dos tempos. Mas o riso na vida em sociedade sofreu grandes mudanças, assim como o discurso sobre o riso, a maneira como ele é interpretado, analisado e percebido pelas sociedades. Grande foi o número de escritos dedicados ao riso ao longo das épocas, o que evidencia a importância atribuída pelas civilizações a esse fenômeno, o que nos permite observar grandes variações de mentalidade entre os povos. As técnicas se modificaram, mas o riso de zombaria sempre esteve presente, condenado ou absolvido - seja para estabelecer vínculos, reforçar o *status quo* ou para excluir o que é diferente. Aqui, faz-se um resgate bibliográfico da história do riso desde a Grécia e Roma Antigas, passando pela Europa da Idade Média, Renascença, modernidade até a Era da Internet.

Palavras-chave: História; Riso; Humor; Comicidade.

Introdução

Desde Aristóteles, uma vastidão de filósofos, historiadores, psicólogos, sociólogos e médicos se incumbiram de estudar o riso. De acordo com o historiador Georges Minois, autor de “História do riso e do escárnio” (2003), o riso é um fenômeno global, cuja história pode contribuir para esclarecer a evolução humana, uma vez que “ele pode variar muito de uma sociedade para outra, no tempo ou no espaço” (MINOIS, 2003, p.16). Verena Alberti, autora de “O riso e o risível na história do pensamento” (1999), traz a concepção de que o riso revelaria que o não normativo, o desvio e o indizível fazem parte da existência.

Para Minois, o humor surge quando o homem se deu conta de que é estranho perante si mesmo, quando ele tomou distância em relação a si próprio e, então, se achou derrisório e incompreensível. O humor seria um sexto sentido não menos útil que os demais, ele diz. “O traço de humor encarna-se, inevitavelmente, em estruturas e culturas concretas, mas pode ser apreciado por todos porque sempre ultrapassa o chão que lhe dá origem” (MINOIS, 2003, p.79). Em sentido lato, podemos entender por humor a capacidade de perceber e criar o cômico, como define Vladimir Propp, autor de “Comicidade e riso” (1992).

¹ Trabalho apresentado no GP Ciberultura do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo (UFRN), graduando em Comunicação Social – Rádio e TV (UFRN) e mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN), email: arthurd.oliveira@hotmail.com

Santos (2012) entende o humor como uma narrativa que, segundo condições sociais, culturais e históricas, gera um efeito em seu receptor: o riso. “O humor precisaria tratar de atitudes humanas que tenham ligação com uma sociedade, com uma cultura, com um determinado grupo social e com um tempo histórico definido” (SANTOS, 2012, p.35). É assim que o riso pode dar pistas sobre a compreensão de uma sociedade em determinada localização e num determinado momento da História.

Para Henri Bergson, autor de “O riso: ensaio sobre a significação do cômico” (1983), o riso tem significação social (seu ambiente natural é a sociedade), é destinado à inteligência e deve ter contato com outras inteligências para atingir seu objetivo. É resultado da compreensão imediata da mensagem, através de uma resposta espontânea. O riso oculta uma intenção de cumplicidade com outros galhofeiros, reais ou imaginários. O autor ressalta que muitos efeitos cômicos são intraduzíveis de uma língua para outra, já que são relativos aos costumes e ideias de contextos específicos.

Rimos sozinhos, dos outros, de nós mesmos e em grupo. Compartilhar uma cena cômica com outrem legitima mais ainda a comicidade do acontecimento. Rimos do próprio riso. A piada já passou, mas o efeito anestésico e ao mesmo tempo eufórico de rir contagia o grupo e prolonga o riso: “Já se observou inúmeras vezes que o riso do espectador, no teatro, é tanto maior quanto mais cheia esteja a sala” (BERGSON, 1983, p.8).

Por ser o único animal capaz de ri, como dizia Aristóteles, é também o homem o único ser com capacidade de provocar intencionalmente o riso, acrescenta Bergson. Não pode haver comicidade fora do que é humano. Se outro animal ou objeto inanimado provoca o riso, é por semelhança com o homem, por semelhança a algo que provoca o riso no homem, por uma característica impressa pelo homem ou pelo uso que o homem dela faz.

A produção do riso depende também de certo sentimento de indiferença para com o objeto sobre o qual se ri. É preciso haver distanciamento emocional e, às vezes, também físico, para que seja possível rir de algo ou de alguém: “A sociedade vingá-se através do riso das liberdades que se tomaram com ela. Ele não atingiria o seu objetivo se carregasse a marca da solidariedade e da bondade” (BERGSON, 1983, p.92). Para Vladimir Propp (1992, p.46), o riso é uma arma de destruição: “ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio”. E a língua, um arsenal rico em instrumentos de comicidade e zombaria.

O riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto risível e de um sujeito que ri (o homem). Nos séculos XIX e XX, os pesquisadores estudavam essas duas

grandezas separadamente. Mas a comicidade do objeto risível não pode existir separadamente do humor do sujeito. A subjetividade do cômico se dá na relação entre objeto e sujeito e essas relações possuem variáveis, de acordo com a ordem histórica, social, nacional e pessoal. Há diferentes manifestações do humor no âmbito de cada cultura e de acordo com as camadas sociais. Há também as diferenciações de caráter individual.

Para Alberti, todos os pensamentos sobre o riso atuais partem de certas tradições teóricas que remontam aos primeiros pensadores do riso, na Antiguidade, sobretudo, Platão, Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Fazem parte desses pensamentos: a ideia de que o riso é inerente à espécie humana, as classificações/divisões do cômico em de palavras e de ações/coisas, a ideia de sujeito (quem ri) e objeto (aquilo ou aquele de quem se ri), e a visão negativa do cômico diante de uma dor profunda e graves debilidades.

Segundo John Morreall (1983, *apud* ALBERTI, 2002), haveria dois tipos de riso: o que resulta e o que não resulta de situações cômicas, divisão semelhante à adotada por Propp ao dividir o riso em aqueles que são provocados por derrisão e os que não. Para Robert Escarpit (1960, *apud* ALBERTI, 2002), o humor permite romper o círculo dos automatismos que a vida e a sociedade cristalizam, automatismo/mecanicismo do qual Bergson também tratava em seus ensaios.

De que, por que e como o homem ria ao longo da História? Havia o riso mais trivial, das pequenas surpresas, das satisfações e reveses da vida cotidiana. Mas também, o riso do qual particularmente este artigo se detém, um riso mais significativo, mais revelador das mentalidades das sociedades na Grécia e Roma Antigas, na Europa da Idade Média, na Renascença, na modernidade e na Era da Internet.

1. O riso na Grécia Antiga

Desde a época arcaica, há dois tipos de riso que o vocabulário distingue: *gelân* (riso simples, sutil), e *katagelân* (rir de, zombar), explica Minois (2003, p.49). Na Grécia Antiga, havia o riso divino dos mitos, o riso ritual das festividades, o riso representado na comédia e riso concreto vivido pelos helenos no cotidiano.

A antiguidade tinha uma concepção divina do riso, cuja origem é atribuída aos deuses. Para os gregos antigos, o riso veio dos deuses para os homens como forma de controlar seus instintos animais e como reação diante da tomada de consciência da condição de mortal, de seres efêmeros e da dependência do homem ao corpo (sexo, alimento, excreção). Os deuses riem e seu inextinguível riso é a marca de sua liberdade. A concepção

do riso é largamente positiva. Rir é participar da recriação do mundo. O riso seria como uma manifestação de contato com o mundo divino, a fim de garantir a proteção dos deuses, simulando o retorno ao caos original que precedia a criação do mundo ordenado (MINOIS, 2003, p.30). Os deuses riem porque se distanciam deles mesmos e do mundo, eles não se levam a sério. Os homens riem conformando-se com as normas.

Na festa grega antiga, “o riso, ritualizado, é um meio de exorcizar a desordem, o caos, os desvios, a bestialidade original” (MINOIS, 2003, p.32-33). É uma experimentação ritualizada da desordem. O riso que dá sentido à festa arcaica, cuja função é reforçar a coesão social, assegurando a perpetuação da ordem, renovando o contato com o divino.

Na Grécia Antiga, “a comédia aparece, pela primeira vez, em 440 a.C., e a tragédia, em 432 a.C.” (MINOIS, 2003, p.37). Mas, muitos dos temas eram tratados sob os dois vieses: a tragédia apresentava os homens como melhores do que eram, enquanto a comédia exagerava em seus defeitos. Depois do século V a.C., ocorre um movimento de refinamento crescente do riso. Surge uma nova sensibilidade, “que considera inconveniente, maldoso e grosseiro o riso brutal da época arcaica” (MINOIS, 2003, p.49). O riso arcaico passa a ser visto como uma emoção primária próxima de um instinto selvagem, que é preciso domesticar, civilizar.

Nesse período, as atitudes divergem entre os filósofos e seus seguidores. “Os cínicos utilizam a zombaria provocadora como um corretivo, um tratamento de choque para dissolver as convenções sociais e reencontrar os verdadeiros valores” (MINOIS, 2003, p.76). Os cétricos pensam que a comédia humana é uma história de loucos e o mundo é uma comédia de absurdos diante da qual só se pode rir. Os pitagóricos e os estóicos levam o mundo muito a sério e proscvem o riso, que equivaleria a uma blasfêmia. E os platônicos e aristotélicos domesticam o riso a fim de fazer dele um agente moral, do conhecimento, e um atrativo da vida social, mas não sendo apropriado ao campo da religião e da política.

Os representantes políticos do povo já eram alvo da derrisão desde a Grécia Antiga, por volta do século V a.C., nas comédias de Aristófanes e outros autores cômicos (Cratino, Ferecrato, Êupolis). A partir do final do século V a.C., “pressões são exercidas sobre Aristófanes para que ele modere seu riso, cujas gargalhadas são julgadas inconvenientes. Sobretudo os políticos atenienses, considerando-se que representam o povo, não admitem ser expostos ao ridículo” (MINOIS, 2003, p.40). Assim, no século IV a.C., surge a Comédia Nova (NÉA), que ressalta o ideal da família e amor, pela sátira dos costumes e condições sociais. A comédia grega se volta agora para a vida privada e não mais para a política.

2. O riso romano

Assim como na Grécia Antiga, os romanos tinham o riso de zombaria como um instrumento de imobilismo, não de inovação. A derrisão tinha como alvos aspectos morais, sociais e políticos, mas acima de tudo, tinha um caráter conservador: "A sociedade romana é profundamente conservadora, e todos os grandes satíricos latinos são igualmente conservadores e asseguram seu sucesso pela causticidade rústica e pelo apego às tradições" (MINOIS, 2003, p.87). A sátira dos romanos recaía frequentemente sobre os estrangeiros, principalmente os gregos. Durante o período imperial, foi muito usada para enaltecer a nova autoridade, denegrindo a precedente.

O riso nas festividades também se fez presente entre os romanos, em especial em duas festas: as saturnais e as luperciais, nas quais o riso era elemento essencial. Na Roma antiga era comum a prática da derrisão do defunto: "No cortejo fúnebre, um bufão, o *mimus*, divertia a multidão imitando os reveses do desaparecido" (MINOIS, 2003, p.92), prática que nos causaria estranhamento nos dias de hoje. Outro símbolo do humor latino apontado por Minois (2003, p.104) é a autoderrisão. Ninguém se leva muito a sério, zombando gentilmente de si próprio, afirma o autor.

Em Roma, Cícero (106 - 43 a.C.) deixou uma teoria completa sobre o riso em seu tratado "De oratore", com interesse no riso aplicado à oratória. O orador deve ter todo interesse em se fazer rir, pois isso o torna simpático ao auditório. Para Cícero, o riso é um meio, um instrumento, uma arma. O pensador fixou limites estritos ao riso respeitável, que deveria ser elegante, polido, inventivo, engraçado, respeitar o estatuto social e evitar a grosseria, não ferindo os semelhantes. Os bufões zombam sem cessar e sem motivo, já os oradores, só devem fazê-lo quando útil.

Já Quintiliano (35 – 95 d.C.), em "A instituição oratória", volta a abordar teoricamente o mesmo campo de Cícero, só que 120 anos mais tarde. Desta vez, o riso é encarado sobre outra perspectiva, expressando como o riso romano se reconfigurara. Agora, o riso é suspeito, fenômeno da desordem, perigoso para o poder, fazendo perder-se a autoridade e a dignidade, devendo ser usado com parcimônia, prudência e reserva.

3. O riso na Idade Média

Na Idade Média, o riso era em geral condenado "porque não haveria na Bíblia nenhum indício de que Jesus Cristo rira algum dia" (ALBERTI, 2002, p.68). O cristianismo é então pouco propício ao riso: "O riso não é natural no cristianismo, religião séria por

excelência. Suas origens, seus dogmas, sua história o provam" (MINOIS, 2003, p.111). O monoteísmo estrito excluiu o riso do mundo divino, como era para os gregos. O riso não existia no mundo quando Deus o fez e nele pôs Adão e Eva. Não havia do que rir. Eis que o pecado original é cometido e os habitantes do Éden expulsos. Agora, Adão e Eva riem, porque se veem como humanos. O riso vai incidir sobre todas as imperfeições humanas, logo, teria nascido do pecado. "O riso é um comportamento estritamente humano, logo, alheio ao mundo divino" (MINOIS, 2003, p.120), é símbolo da decadência humana.

"Nos mosteiros e entre os sacerdotes, o risível era proibido, porque as narrativas ou palavras que provocavam riso faziam parte do discurso superficial e inútil (o *verbum otiosum*)" (ALBERTI, 2002, p.70). Eram censurados cantores, dançarinos e bufões, com os quais o clero não podia se relacionar e os cristãos deveriam se afastar. Em geral, os autores medievais não despendiam tempo e trabalho abordando o riso. São poucos fragmentos de obras desse período onde se trata do riso (quase sempre o julgando mal). Não se aborda a origem do riso ou o que o suscita, mas seus limites e tolerância em sociedade.

A repressão ao riso é ainda maior quando se trata do riso coletivo, ritual, característicos das festas, condenado por se tradicional nas festividades pagãs. Esse riso, característico do mundo antigo (nas saturnais, luperciais, dionisíacas), vai se perdendo, devido a retirada progressiva de todas as festas pagãs do calendário (por volta do século IV). Também são estabelecidas leis que interditam jogos e mímicas.

Do século IV ao século VII, a Igreja passa então a incorporar, dando nova roupagem, os elementos da cultura pagã que não conseguiu eliminar por completo. O riso é um deles. Esse, trazido por Lúcifer, agora é usado contra o próprio diabo. A igreja passa a usar o riso para zombar do mau. Esse contexto termina por marcar toda a religião popular durante a Idade Média, onde sagrado e profano, medo e riso se unem. O riso coletivo das festividades, mais agressivo e subversivo, vai sendo substituído por um riso de convenção lúdico, como forma de combate às festas populares, desarmando qualquer tentativa de riso como contestação social: "As autoridades tentam apossar-se das festas, para transformá-las em espetáculos disciplinados, celebrando a ordem estabelecida em vez de subvertê-la por meio da paródia" (MINOIS, 2003, p.266).

O estudo do humor recebeu contribuições de teóricos da linguagem, como o linguista russo Mikhail Bakhtin (1987), que empreendeu estudos sobre o Carnaval e a cultura popular durante a Idade Média e o Renascimento, mostrando a contraposição entre cultura popular e erudita. Ao analisar a obra literária de François Rabelais (escritor, médico

e padre francês do século XVI), Bakhtin entende o riso no contexto da carnavalização, momento em que as hierarquias se invertem (SANTOS, 2012, p.32). Bakhtin percebeu na obra de Rabelais que o riso assume o papel de uma nova consciência, crítica, na qual dogmatismo e fanatismo eram ridicularizados. François Rabelais foi considerado inimigo do cristianismo, por ferir a religião com seu riso impiedoso, tendo inclusive sua obra condenada ao Index em 1564. O realismo grotesco, como apresenta Bakhtin, é o que dá o caráter cômico da visão popular sobre o mundo na Idade Média. A paródia medieval vai ser um rebaixamento, o cômico popular vai se substanciar no baixo.

4. O riso na Renascença

O interesse pelo riso, em seus diferentes aspectos, marca o período da Renascença. Inclusive com a criação de tratados que ressaltam as propriedades terapêuticas do riso, indo contra a teoria do riso diabólico vigente entre a maioria dos pensamentos medievais. "Para o espírito da Renascença, pode-se rir de todos os assuntos, tudo é redutível ao derrisório" (MINOIS, 2003, p.314). François Rabelais, que toma partido do riso, considera que o riso cura e é próprio do homem. Rir e chorar são mais parecidos do que pensamos, ele diz, e constantemente choramos e rimos das mesmas coisas, o que daria um caráter de ambivalência ao riso. Essa tomada de consciência é marca da Renascença, onde riso e trágico se imbricam.

A partir do século XVI os bobos da corte, que eram muitos na Europa, assumem uma função para além de apenas divertir o rei e falar livremente aquilo que os demais não tinham tamanha audácia. O bobo transforma-se em instrumento do rei, seu conselheiro e seu porta-voz. Um intermediário entre o soberano e seus súditos. O riso se torna instrumento de propaganda real. Alguns bobos faziam uma espécie de boletim de informação satírico, escritos em prosa ou poesia para comentar a política. O bufão coloca a derrisão a serviço do poder, defendendo também o conformismo e a ordem social.

No fim do século XVI e século XVII, religião e Estado ainda combatiam o riso pelo seu caráter subversivo. Mas, como não podiam eliminá-lo, que ele fosse disciplinado. Uma das medidas foi acabar pouco a pouco com as festividades, instaurando decretos que proibiam diversões populares. A população se manifesta como forma de resistência da cultura popular. "A guerra entre os poderes e as manifestações do riso popular coletivo prosseguem durante todo o século XVIII" (MINOIS, 2003, p.331). As elites apoiaram os religiosos e as autoridades civis com a intenção de combater a cultura popular.

Apesar das muitas tentativas de conter o riso, ele não é abafado. Principalmente o riso individual cotidiano, tão natural ao homem. Já o riso social e coletivo "se transforma, não tanto pelas críticas, mas em razão da evolução cultural global" (MINOIS, 2003, p.365). Essa transformação acompanha o desenvolvimento da consciência reflexiva da sociedade. As novas exigências de refinamento nos costumes provocam reflexão sobre o riso, sua natureza e seus usos:

Cada vez mais o homem utiliza o riso de maneira consciente, com uma finalidade precisa que é, frequentemente, agressiva e destruidora. Dominando esta faculdade, faz dele um instrumento, uma arma. Transformando-se em ironia e humor, o riso bruto perde a naturalidade, civiliza-se, intelectualiza-se e refina-se. Ele também é domesticado: suas manifestações coletivas são, cada vez mais, organizadas, enquadradas, normalizadas. Quando não é instrumento, é espetáculo (MINOIS, 2003, p.366).

5. O riso na modernidade

500 anos a.C., as causas das enfermidades eram atribuídas por Hipócrates (considerado o primeiro médico) aos fluídos corporais (os humores: sangue, fleuma, bílis amarela e negra). A palavra "humor" e suas variantes locais correspondiam ao termo hipocrático *chumós* até que a língua inglesa haveria de dotar a palavra "humor" de um sentido novo: disposição de ânimo. A nova significação só aparece formalmente nos dicionários no fim do século XVII. "Ao longo do século XVIII, a palavra humor se distancia do significado original criado por Hipócrates e começa a ganhar status de arte, de efeito estético, associada a uma representação que leva ao riso" (SANTOS, 2012, p.22-23).

O riso encontra, no século XIX, terreno fértil na política. Os debates parlamentares, o início da democracia e a liberdade de imprensa criam as condições ideais para "um grande debate de ideias em que a ironia é chamada a desempenhar um papel essencial" (MINOIS, 2003, p.482). A democracia moderna, aponta Minois, aprendeu com a história que um poder que combate a zombaria é um poder ameaçado, condenado a desaparecer. Para tanto, as democracias modernas aceitam o contra poder do riso porque avaliaram sua utilidade. Usar o humor a favor e fazer dele um instrumento de prestígio se torna algo recorrente a partir da segunda metade do século XX. Numa opinião crítica do autor, a zombaria política generalizada poderia acabar deixando de desembocar na subversão para contribuir com a banalização das práticas denunciadas. Um uso desmedido do riso e da zombaria poderia acabar sobrepondo a argumentação e a prova. E, ainda, questiona Minois, até que ponto cada um permanece fazendo de conta que está mudando algo, quando na verdade se contenta em zombar?

No campo da religião, durante o século XX, a concepção sobre o riso se altera. A Igreja fez grandes esforços para se reconciliar com o riso, tarefa que não é fácil depois de ensinar, por séculos, que o riso era diabólico. Agora, Deus ri e aprecia que riam. Basta do Deus terrível e vingador. O riso se mescla ao cristianismo, uma vez que não haveria continuação na popularidade da religião cristã se não houvesse adesão ao senso de humor.

Nos séculos XX e XXI, a necessidade da festa é permanente - uma obsessão festiva. A festa e o riso permitiriam transportar o homem moderno de seu triste cotidiano. Vivemos um momento marcado pelas festas puramente lúdicas (não mais ritualísticas como na antiguidade), com objetivo único de satisfazer a necessidade dos encontros humanos sociais, divertir e provocar o riso - o interesse econômico é evidente, já que a sociedade do consumo mercantiliza o riso e as festividades. A festa era associada ao riso em razão de seu caráter excepcional, que possibilitava um desvio da norma. A festa moderna, obrigatória e permanente, se apresenta apenas como solução coletiva para a angústia. O sentido da festa passa a ser o de atravessar um fosso entre um cotidiano preocupante, insatisfatório e um sonho utópico da diversão contínua. Festas sem rito, sem significação particular, sem referências ao sentido original das festividades.

A Indústria Cultural surge para proporcionar distração às populações urbanas que expandiam devido ao processo de industrialização. Com ela, o humor torna-se fórmula a ser explorada por autores e produtores na busca por lucro da venda de livros, jornais, revistas, ingressos para peças, shows, filmes e apresentações artísticas. Da mesma forma, a publicidade se apropria do cômico para potencializar a difusão de marcas e produtos. O humor tem servido à publicidade nas várias mídias em que é veiculada como recurso para chamar a atenção e fixar mensagens. Como aponta Santos (2012), numa sociedade que se afasta dos ditames morais e amarras religiosas, que o hedonismo e o consumo são incentivados, o riso não é só permitido, como estimulado e exigido: “O humor transforma-se em ferramenta de marketing a serviço da venda. Nessa sociedade do espetáculo e do devaneio, o humor é comercializado” (SANTOS, 2012, p.43).

O filósofo francês Gilles Lipovetsky chama essa atual sociedade de Sociedade Humorística, na qual o riso é receita eleitoral, argumento publicitário, garantia de audiência. Nela, ser legal e divertido é regra, a mídia difunde modelos descontraídos que se difundem na imensidão do ambiente digital. Se levar a sério é algo inadmissível. Do mundo político aos meios de comunicação e do jardim da infância ao clube da terceira idade, o cômico é onipresente. “O humor universal, padronizado, midiaticizado, comercializado, globalizado,

conduz o planeta" (MINOIS, 2003, p.553-554). Partindo-se da premissa de que um homem feliz compra, consome, o riso se torna poderoso argumento de venda: "O riso, como a carne de vaca, é um produto de consumo" (MINOIS, 2003, p.593).

6. Humor midiático

A junção entre informação e entretenimento, ou "infotainment", não é novidade e se acentuou na concorrência entre os veículos de comunicação em busca de visibilidade e audiência. São exemplos matérias sobre viagens, turismo, moda, beleza, casa e decoração (*soft news*), os sites que acompanham famosos, os blogs de fofoca. Não faltam conteúdos que ofertem ponto de fuga às chamadas *hard news* (economia e política, especialmente).

Uma das mais comuns e antigas formas de se combinar conteúdo noticioso com entretenimento é lançar mão do humor. Na imprensa brasileira, o humor começou a ser difundido com as primeiras publicações surgidas no país, ainda na primeira metade do século XIX. Segundo Luís Pimentel (2004), autor de "Entre sem bater!: o humor na imprensa", o recurso cômico (gráfico ou textual) no jornalismo brasileiro teve o pioneirismo de revistas como *A Mutuca Picante* (1834), *Lanterna Mágica* (1844), *O Diabo Coxo* (1864), *Semana Ilustrada* (1860), *Comédia Social* (1871), *Revista Ilustrada* (1876) e *Binóculo* (1881). O humor era utilizado pela elite artística e intelectual para dialogar com outras camadas da sociedade e demonstrar insatisfação com os rumos da política nacional.

No século XX, o Brasil teve no jornalismo de humor um grande expoente: o jornalista gaúcho Fernando Aparício Brinkerhoff Torelly, conhecido como Barão de Itararé. Segundo Pimentel, o principal intuito de Torelly era satirizar a Revolução de 1930. Torelly criou o jornal *A Manhã* - paródia do vespertino *A Manhã*, que era uma das principais publicações nacionais, onde o próprio Torelly trabalhou.

Durante a ditadura militar (1964-1985), outras publicações se tornaram significativas para o humor nacional. Os "anos de chumbo" exigiram muita criatividade de quem quisesse demonstrar oposição ou descontentamento à política vigente. O humor foi então um grande aliado dos jornalistas no enfrentamento com os militares. Um exemplo é a revista *Pif-Paf*, criada em maio de 1964 pelo jornalista Millôr Fernandes, que chegou a oito edições e depois foi censurada. Outro importante veículo desse período foi o tabloide *O Pasquim*. Com edições semanais, o jornal se destacava pelo humor crítico e pela linguagem coloquial, próxima ao tom de uma conversa, em contraponto à formalidade na linguagem

dos veículos tradicionais. O Pasquim tem lugar ímpar na história da imprensa alternativa brasileira por seu papel na oposição ao regime militar.

A partir dos anos 1980, um destaque no jornalismo de humor brasileiro foi Ernesto Varela, mistura de repórter e personagem (interpretado pelo jornalista Marcelo Tas), cujas primeiras aparições foram na TV Gazeta, depois SBT, Record e Globo. Suas matérias tornaram-se famosas pelo emprego do humor na construção das entrevistas.

Publicado durante 37 anos pelo grupo Folha (outubro de 1963 a janeiro de 2001), o jornal Notícias Populares abusava da criatividade e das notícias falsas. Popular e acompanhado por leitores fieis, o NP mais entretinha que informava, com o humor presente em cada edição. Uma das maiores polêmicas do diário foi a série de reportagens sobre o “Bebê Diabo”, publicada em 1975 e que já foi objeto de teses, livros e documentários. Na imprensa brasileira atual, o uso do sensacional para atrair atenção, vendas e provocar humor tem seu maior expoente no tabloide carioca Meia Hora, publicado desde 2005. Com capas irreverentes, textos curtos e linguagem de fácil compreensão, com gírias, piadas, neologismos e informações subentendidas, o Meia Hora foi pensado para entreter e atingir um público que não teria tempo, recurso ou disposição para consumir conteúdo dos chamados *quality papers*.

Na sétima arte, não há consenso sobre qual teria sido a primeira comédia cinematográfica. Alguns atribuem a primazia a "O espirro", de Thomas Alva Edison, que filmou em 1894 um filmete com um funcionário de uma empresa espirrando. As pessoas que assistiam ao filme acabavam por dar risada. Para outros, seria "O regador regado", produzido pelos irmãos Lumière, em 1896, a primeira comédia no cinema, cujo enredo se resumia a um garoto que pisa numa mangueira impedindo a passagem da água que um jardineiro utiliza para regar. Quando o homem aponta a mangueira para o próprio rosto, o menino solta o fluxo de água e dá um banho no jardineiro.

Mas foi no EUA que a comédia cinematográfica se desenvolveu. Durante o período do cinema mudo, surgem as comédias que ficaram conhecidas por *slapstick comedy* (comédia pastelão), marcadas pelo humor trivial, trapalhadas físicas, perseguições, tortas na cara e situações absurdas. Como grande nome deste gênero está Charles Chaplin. Mais tarde, Chispirito e, no Brasil, Os Trapalhões arrancaram risos do público seguindo esta proposta de humor. O gênero deu insumo também para o surgimento de desenhos animados como Tom e Jerry e Corrida Maluca, ambos da Hanna Barbera.

Na cinematografia brasileira, a comédia tem início em 1908, com o filme "Nhô Anastácio chegou de viagem", narrando as confusões de um homem do campo que viaja para a cidade grande, no caso, o Rio de Janeiro. Mas foi com a chegada do som que as comédias musicais, chamadas pejorativamente de “chanchadas” pelos críticos da época, conquistaram o público, como explica Santos (2012, p.47). Na década de 1970, em plena ditadura militar, que impunha restrições ao cinema brasileiro, surge a pornochanchada, filme malicioso que apresenta como personagens tipos como o homossexual, o marido traído, a vizinha ou a empregada sedutora. Também parodiava filmes de Hollywood.

Na década de 1930, quando o governo Vargas permitiu anúncios publicitários na programação das rádios comerciais, o rádio se expande e se populariza no Brasil. Os programas ficcionais foram de grande importância, tantos os dramáticos quanto os humorísticos. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro foi a emissora mais importante nas décadas de 1940 e 1950. Entre seus programas de humor, destacaram-se Tancredo e Trancado, Edifício Balança Mas Não Cai e PRK-30, como cita Santos (2012, p.50). Com a chegada da TV, assim como as novelas migraram do rádio para a televisão, os programas humorísticos seguiram o mesmo percurso: "tributária do rádio, a TV brasileira adaptou vários programas radiofônicos de humor para seu formato" (SANTOS, 2012, p.52).

Os destaques do período foram A escolinha do professor Raimundo, A praça da alegria (hoje, A praça é nossa), Faça humor, não faça guerra, Satiricom e Viva o Gordo (esses três últimos protagonizados por Jô Soares, a partir da década de 1970), além da TV Pirata (já nos anos 1980, que introduziu a metalinguagem no humor televisivo). O formato Sitcom (*Situation Comedy* ou comédia de situação) surge no início da década de 1950 nos Estados Unidos e ganha bastante popularidade não só lá como no Brasil. Em 1965, a TV Record veiculava o sitcom Família Trapo. Nos anos 1990, a Globo exhibe programa de grande sucesso nesse formato, o Sai de baixo.

Na mídia digital, o humor é uma categoria de conteúdo que atualmente apresenta forte crescimento de produção e consumo. A maior parte dessa audiência é atraída pelos sites através de *links* compartilhados nas redes sociais. As formas de produzir humor na internet são variadas. As mais conhecidas e com mais audiência hoje são os blogs e sites de humor, o *stand up*³, os vlogs⁴, o *tumblr*⁵, as esquetes⁶ e os memes⁷. Com as redes sociais, esses conteúdos se propagam rápido e alcançam facilmente inúmeros usuários.

³ Espetáculo de humor feito solo, sem cenários, acessórios e grandes produções, e com o recurso do improviso recorrente. É o chamado “humor de cara limpa”.

⁴ Blogues com postagens em formato de vídeo

O riso na cultura midiática e no meio digital apresenta técnicas próprias de produção e disseminação: “ele engendra repertórios metalinguísticos, que riem da própria natureza de seus suportes e produzem comicidade a partir de recursos de intertextualidade presentes nos seus discursos” (SOARES, 2014, p.47). A internet incorporou aspectos de construção do cômico já existentes nos meios anteriores, ampliando as possibilidades de criação e disseminação a partir de aspectos da cibercultura, como convergência digital⁸, inteligência coletiva⁹ e cultura participativa¹⁰. Segundo Lemos (2002), esses aspectos revelam a nova relação entre tecnologia e sociabilidade – o riso hoje é um dos principais instrumentos de sociabilidade no universo digital.

Na internet, o Kibe Loco, criado em 2002, foi um dos primeiros sites de humor brasileiro a ter grande audiência. Dentro dele foi criada a página de notícias fictícias 2030, fundada por Antônio Tabet. A ideia é provocar humor através de piadas que parodiam notícias sobre fictícios acontecimentos futurísticos. No Youtube, o melhor exemplo a se apresentar é do canal Porta dos Fundos. Criado em agosto de 2012, apresenta esquetes, veiculadas exclusivamente na internet. No Facebook, um exemplo de página de humor bem-sucedida é o perfil do Bode Gaiato. Com linguagem regionalista e imagens de bodes manipuladas por *softwares* como o Photoshop, o pernambucano Breno Melo produz humor através de elementos típicos da cultura nordestina.

No Twitter, a audiência dos perfis falsos de personalidades famosas é grande. Nesses perfis há comentários sobre fatos cotidianos ou piadas com notícias divulgadas pela imprensa tradicional. Entre os de maior audiência está o perfil Dilma Bolada, que satiriza a presidente Dilma Rousseff. Criado no final das eleições de 2010 pelo estudante de Publicidade Jeferson Monteiro, em 2011 migrou para o Facebook. Outro exemplo no Twitter é o perfil @estadaos, criado em 2011 pelo *designer* carioca Vyktor Berriel. Trata-se de uma sátira às pesquisas científicas de relevância duvidosa.

⁵ Rede social de microblogues.

⁶ Pequenas produções cômicas, de curta duração, atualmente bastante difundidas como audiovisual em canais no Youtube.

⁷ Unidade de informação que se multiplica de forma acelerada, em curto intervalo de tempo e atingindo grande proporção de indivíduos. Unidade mínima da memória. Replicação de mensagem ou conteúdo informacional, amplamente difundido através da mídia digital.

⁸ Integração de mídias diferentes que convergem para criar um ambiente único e próprio, possibilitando o desenvolvimento de uma cultura da convergência.

⁹ Inteligência compartilhada que surge com a colaboração de inúmeros indivíduos em suas diversidades. Inteligência na qual o conhecimento está compartilhado na humanidade; ninguém sabe de tudo, mas todo mundo sabe de algo.

¹⁰ O usuário deixa o *status* de mero receptor para ser um usuário produtor de conteúdo. Atividade possibilitada com a adesão e uso da mídia digital, internet e redes sociais.

Outra forma de humor recorrente na *web* são sites que satirizam portais da mídia tradicional. Um exemplo é o Sensacionalista, criado em 2009, por Nelito Fernandes, hoje o mais popular e com mais acessos site de humor deste segmento. Há também o portal G17, criado em maio de 2011, pelo potiguar de Nova Cruz Rafael Gustavo Neves, que é uma evidente sátira ao portal de notícias G1, da Rede Globo. Outros exemplos são O Bairrista, surgido em janeiro de 2011, no Rio Grande do Sul, que altera notícias pautadas pela imprensa para defender de forma bem-humorada o egocentrismo gaúcho. O site Meu Norte, criado em 2011, pelo artista plástico piauiense Tiago Rubens Peres, como sátira ao site Meio Norte, do Piauí. O Diário de Barrelas, nascido em 2009, que se baseia no noticiário de uma cidade fictícia (Barrelas). E o Piauí Herald, sátira à revista Piauí, criado em 2007, por João Moreira Salles.

Considerações finais

Como fenômeno natural humano, o riso parece ter mudado pouco. Foi o riso na vida em sociedade que mudou, bem como o discurso sobre o riso, a maneira como ele é interpretado, analisado e percebido pelas sociedades. Por terem consagrado ao riso grande número de escritos ao longo das épocas, evidencia-se que todas as sociedades lhe conferiram importância, cada uma à sua maneira, de modo a revelar grandes variações de mentalidade entre os povos ao longo do tempo e do espaço geográfico. As técnicas se modificaram, mas o riso de zombaria sempre esteve presente, condenado ou absolvido. Seja para estabelecer vínculos, reforçar o *status quo* ou para excluir quem é diferente.

A antiguidade tem uma concepção divina do riso. Os deuses riem e seu riso é marca de liberdade. A concepção do riso é positiva. Nas festividades, onde os ritos de inversão faziam parte, simula-se o retorno ao caos primitivo, a fim de confirmar e manter estáveis as normas sociais, políticas e culturais. O riso age como elemento de coesão. O cristianismo então contrapõe a concepção de riso vigente através de uma visão negativa. O riso agora é diabólico. Jesus nunca teria rido. Deus é a seriedade por excelência e o cristão deve seguir os passos do criador. O riso é feio, indecente e incorreto. Exprime orgulho, desprezo e agressividade. O riso antigo sacralizava o mundo, já o riso diabólico o dessacraliza.

A partir do século XVI, surge o riso humano e interrogativo, saído da consciência da mentalidade europeia, origem do pensamento moderno ocidental. O riso renasce para rir da religião, do absolutismo, dos governos monárquicos autoritários, de tudo o que as ciências puseram em dúvida nas certezas humanas. Nos séculos XX e XXI, chegamos a uma

sociedade humorística na qual tudo se converte em derrisão e o riso é moeda comercial – enquanto uns riem, outros enchem o bolso. O humor é matéria abstrata, invisível, intangível e onipresente que permeia os indivíduos na modernidade e tece as relações sociais humanas. Com a Indústria Cultural, os produtos midiáticos incorporam o cômico num casamento bem sucedido. O riso se torna bem simbólico cada vez mais valioso.

Humor, comicidade e riso sempre estiveram, ao longo da História, associados (harmoniosamente ou em atrito) à política, à religião, à economia, às festividades e, especialmente na modernidade, à mídia.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. [Tradução Yara Frateschi Vieira]. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. [Tradução Nathanael C. Caixeiro]. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. [Tradução Susana Alexandria]. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade humorística. In: _____ **A era do vazio**. Barueri: Manole, 2005. p. 127-160.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. [Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção]. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PIMENTEL, Luís. **Entre sem bater! O humor na imprensa: do Barão de Itararé ao Pasquim 21**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. [Tradução Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade]. São Paulo: Ática, 1992.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. In: SANTOS; ROSSETTI (Orgs.). **Humor e riso na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2012. p.17-60.

SOARES, Afra de Medeiros. **Te dou um dado? O império risível das celebridades na internet**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.